

Inquérito sobre Aleitamento Materno Distrito de Setúbal – 1993

A. LEVY AIRES, ARTUR DUARTE, CARLOS SOUSA

Sub-Região de Saúde de Setúbal (A.R.S. Lisboa e Vale do Tejo)

Resumo

Os autores apresentam os resultados do inquérito sobre aleitamento materno e alguns aspectos da alimentação no primeiro ano de vida, realizado em todos os Centros de Saúde do Distrito de Setúbal em 1993, comparando-os com os resultados de 1988.

Diminuiu o número de mães que referem não terem sido aconselhadas a amamentar, bem como o número de crianças que fizeram fórmulas para lactentes nas Maternidades. Os factores relacionados com a criança foram os que mais motivaram a amamentação. A causa que mais frequentemente levou à introdução dum leite artificial foi o «leite era fraco». As taxas de aleitamento materno melhoraram, nomeadamente a do aleitamento materno exclusivo, ao fim do 2.º e 5.º mês de vida. A diversificação alimentar foi tendencialmente mais tardia.

Palavras-Chaves: «Aleitamento Materno»; «aconselhamento»; «faz melhor»; «leite era fraco».

Summary

The authors present the results of an inquire about breastfeeding and some aspects of feeding in the first year of life. This work was conducted in all Health Centers of Setubal District in 1993, comparing the results with those obtained in 1988.

The number of mothers referring not to be advised to breastfeed decreased, as well as the children who took a infant formula in Maternities. The aspects related to the child were considered to be the more motivating to breastfeeding. The most frequent cause to starting a infant formula was «the weakness of milk». The breastfeeding ratio increased mainly exclusive breastfeeding at the end of 2d a 5th month of life. Solid foods were introduced later.

Key-words: «Breastfeeding»; «advice»; «is Better»; «milk was weak».

Introdução

O inquérito, de que apresentamos os resultados, foi realizado no distrito de Setúbal, em 1993 e tinha como «objectivo principal» avaliar a prevalência do aleitamento materno no 1.º ano de vida e comparar os resultados com os do inquérito de 1988, procurando assim avaliar a evolução de um indicador importante da saúde da mãe e da criança. ^(1, 2)

O distrito foi um dos que, nesse ano, participou no «Estudo da Prevalência do Aleitamento Materno em Seis distritos do Continente», integrado no Programa de Actividades da Divisão de Saúde Materno-Infantil da D.G.C.S.P. ⁽³⁾

Neste inquérito, procurou-se também avaliar alguns aspectos associados à alimentação no 1.º ano de vida, a realçar:

- Prevalência do aleitamento misto;
- Motivos que levaram à amamentação ou à sua suspensão;
- Aconselhamento à amamentação durante a gravidez e no período de parto;
- Idade do início e tipo de diversificação alimentar;
- Utilização do leite de vaca em natureza no 1.º ano de vida;
- Suplementação vitamínica e com fluor durante o 1.º ano de vida.

Metodologia

Foi aplicado o inquérito, utilizado em 1988 pela D.G.C.S.P., com algumas modificações, a crianças dos 0-12 meses, que estavam acompanhadas pelas mães e que foram ao Centro de Saúde (Consultas, Vacinação, etc.), durante um período de 5 dias, em todo o distrito.

O inquérito foi realizado pelas enfermeiras de Saúde Infantil das Extensões dos Centros de Saúde. Participaram todos os Centros de Saúde, sendo o número de inquéritos aproximadamente 10% dos nascimentos previstos, pretendendo-se, assim, conseguir uma amostragem homogénea ⁽¹⁾. Quando foram formuladas mais do que uma resposta, optou-se sempre pela primeira referida.

Os dados foram analisados através de uma base de dados, criada para o efeito, em DBaseIII.

O tratamento estatístico foi efectuado utilizando o teste de χ^2 e o Programa Microstat.

Resultados

Foram realizados 732 inquéritos, 9,5% dos 7738 nascimentos ocorridos esse ano. Em 1988 o número de inquéritos correspondia a 6,1% dos nascimentos. Mantém-se o ligeiro predomínio do sexo ♂, sendo 87% de raça branca e 13% de outras raças e dentro destas, predomina a raça negra (Quadro I).

Não parece haver grandes variações em relação aos resultados de 1988.

QUADRO I
Distribuição por sexo e raça

	1988	1993
MASCULINO	255 (52%)	389 (53%)
FEMININO	234 (48%)	343 (47%)
	1988	1993
BRANCA	429 (88%)	639 (87%)
NEGRA	50 (10%)	85 (12%)
OUTRAS	10 (2%)	8 (1%)
TOTAL	489 (100%)	732 (100%)

O maior número de inquéritos foi realizado a crianças até aos 6 meses, 523 (71,4%) (Quadro II), o que condiciona os resultados obtidos após esta idade. Esta situação explica-se pelo facto de nos primeiros seis meses de vida se realizarem o maior número de visitas ao Centro de Saúde, seja para consultas, seja para vacinação.

QUADRO II
Idade das crianças

	1988	1993
0 - 2 MESES	186	337
3 - 5 MESES	171	186
6 - 8 MESES	85	116
9 - 11 MESES	47	93
TOTAL	489	732

A distribuição etária das mães encontra-se no Quadro III. Destacamos o aumento significativo da percentagem de mães com idade igual ou superior 35 anos ($p=0,009$). Com satisfação verificamos que não foram referidas mães até aos 15 anos de idade, no inquérito. Este facto está de acordo com o pequeno número de mães até 15 anos, registado esse ano no distrito, um total de 10 que corresponde a 0,12% dos nascimentos ocorridos.

QUADRO III
Idade da mãe

	1988	1993
≤ 15 ANOS	4 (0,8%)	0 (0%)
16 - 20 ANOS	62 (12,8%)	75 (10,2%)
21 - 34 ANOS	394 (80,5%)	575 (78,6%)
≥ 35 ANOS	33 (6,7%)	82 (11,2%)
TOTAL	489 (100%)	732 (100%)

Embora tenha aumentado a idade das mães, em 51,5% delas, este era o 1.º filho (Quadro IV) e em 69% das 355 mães com mais de 1 filho, este era o seu 2.º filho. Do total de inquiridas, 5,3% tinham 4 ou mais filhos.

Em 1993 o número médio de filhos era de 1,72.

QUADRO IV
Número de filhos

	1988	1993
1.º FILHO	276 (56,4%)	377 (51,5%)
+ FILHOS	213 (43,6%)	355 (48,5%)
TOTAL	489 (100%)	732 (100%)
	1988	1993
QUANTOS FILHOS A MAIS		
1	150 (70,4%)	244 (69%)
2	38 (18%)	68 (19%)
3	9 (4,2%)	21 (6%)*
4	8 (3,6%)	10 (3%)*
5	1 (0,5%)	4 (1%)*
6	—	4 (1%)*
> 6	5 (2,3%)	—
NÃO PERGUNTADO	2 (1%)	4 (1%)
TOTAL	108 (100%)	355 (100%)

* 5,3% do total de inquiridas.

As mães que referem aconselhamento à amamentação na gravidez ou no parto representam 87% das inquiridas (Quadro V) e 53% tiveram esse aconselhamento em ambos os momentos.

Durante a gravidez, este aconselhamento foi feito em 50,3% pelo médico e em 39,7% pela enfermeira. Os familiares são referidos em 7,8% dos casos como responsáveis por essa informação, percentagem ainda inferior à observada em 1988.

QUADRO V
Aconselhamento à amamentação (Gravidez)

	1988	1993
SIM	337 (68,9%)	529 (72,3%)
NÃO	149 (30,5%)	201 (27,5%)
NÃO SABE	1 (0,2%)	1 (0,1%)
NÃO PERGUNTADO	2 (0,4%)	1 (0,1%)
TOTAL	489	732
	1988	1993
QUEM		
MÉDICO	149 (44,2%)	266 (50,3%)
ENFERMEIRA	150 (44,5%)	210 (39,7%)
FAMILIAR	31 (9,2%)	41 (7,8%)
OUTRO	6 (1,8%)	11 (2%)
NÃO SABE	1 (0,3%)	1 (0,2%)
TOTAL	337	529

Já no período do parto, o aconselhamento foi efectuado em 67,3% dos casos (Quadro IV), sendo aqui as enfermeiras as mais responsáveis pelo aconselhamento, 62,9%, neste período. O aconselhamento referido a familiares continua, também aqui, muito pequeno.

QUADRO VI
Aconselhamento à amamentação (Parto)

	1988	1993
SIM	326 (66,7%)	493 (67,3%)
NÃO	157 (32,1%)	227 (31%)
NÃO SABE	2 (0,4%)	7 (1%)
NÃO PERGUNTADO	4 (0,8%)	5 (0,7%)
TOTAL	489	732
QUEM	1988	1993
MÉDICO	139 (42,6%)	176 (35,7%)
ENFERMEIRA	183 (56,1%)	310 (62,9%)
FAMILIAR	3 (1%)	4 (0,8%)
OUTRO	1 (0,3%)	2 (0,4%)
NÃO SABE	—	1 (0,1%)
TOTAL	326	493

Observando o Quadro VII, verificamos que diminuiu de 19% para 13% a percentagem de mães que não referem nunca ter sido aconselhadas a amamentar, quer durante a gravidez, quer na altura do parto. Este número foi de 19% em 1988 e no estudo de 6 distritos do Continente de 1988⁽¹⁾ foi, globalmente, de 16,8%. É muito aproximada o número de mães que referem aconselhamento na gravidez e parto, em 1988 e 1993.

QUADRO VII
Aconselhamento à amamentação (Total)

	1988	1993
GRAVIDEZ OU PARTO	390 (81%)	635 (87%)
AMBAS	267 (55%)	387 (53%)
NUNCA	91 (19%)	94 (13%)

No quadro VIII são apresentadas as razões que motivaram as mães a dar de mamar, como atrás se disse, foi sempre seleccionada a primeira resposta, quando a mãe referiu vários motivos. Os factores relacionados com a criança, «faz melhor» e «protege a criança», foram os mais invocados (74%), o mesmo acontecia em 1988. A percentagem de mães que referiram a «ligação afectiva» também se mantém (6%), e 2% delas referiram, como primeiro motivo, «aconselharam».

QUADRO VIII
Motivos para amamentar

	1988	1993
FAZ MELHOR	65%	60%
PROTEGE A CRIANÇA	5%	14%
TINHA LEITE	12%	13%
LIGAÇÃO AFECTIVA	6%	6%
GOSTAVA	5%	3,3%
ACONSELHARAM	5%	2%
OUTRAS	2%	1%
NÃO PERGUNTADO	—	0,7%
TOTAL	100%	100%

A percentagem de mães que não iniciaram a amamentação, fazendo portanto só leite artificial é idêntica em 1988 e 1993 (4%) (Quadro IXa e IXb). Diminuiu, no entanto, significativamente, de 17 para 8%, as mães que fizeram aleitamento misto desde a maternidade.

Somando estes dois grupos, verificamos que 12% dos Recém-nascidos fizeram leite artificial na maternidade, contra 21% em 1988. No mesmo ano, no estudo coordenado pela D.G.C.S.P.⁽²⁾, em seis distritos do Continente, este valor correspondeu a 18,3% dos nascimentos.

QUADRO IXa
Início da amamentação

	NUNCA DEU PEITO	SÓ PEITO	MISTO DESDE O INÍCIO
1988	4%	79%	17%
1993	4%	88%	8%

«Não tinha leite» e «criança não pegava» foram os motivos mais frequentemente invocados para os recém-nascidos não terem mamado. Em 1993, os problemas da criança (*prematuridade, internamento, icterícia*) foram referidos por 4 mães.

QUADRO IXb
Razões para não dar de mamar

	N.º absoluto	N.º absoluto
CONSELHO MÉDICO	3	3
NÃO TINHA LEITE	10	10
CRIANÇA NÃO PEGAVA	3	7
DOENÇA DA MÃE	—	4
PROBLEMAS COM PEITO	—	3
PREMATURO	1	1
CRIANÇA INTERNADA	—	2
ICTERÍCIA	—	1
LEITE ERA FRACO	2	—
TOTAL	19	31

Observando o Quadro X e Figura 1, que apresenta os resultados deste ano, das crianças a fazerem aleitamento materno em exclusivo verificamos que ao fim do primeiro mês 82% faziam aleitamento materno, e em exclusivo, 69%. Estes valores eram de 59% e 43% respectivamente durante o 3.º mês de idade, sendo ainda 25% as crianças que faziam aleitamento materno exclusivo aos 6 meses.

Verifica-se que a grande diminuição se dá durante o 1.º mês de vida, atingindo-se nesta altura uma taxa de 82% e 69% respectivamente, para o aleitamento materno e aleitamento materno exclusivo. Do terceiro para o quarto mês, a diminuição da taxa de aleitamento materno e aleitamento exclusivo é de 10% e 8% respectivamente.

QUADRO X
Aleitamento materno exclusivo (1993)

Idade	Número	Aleitamento Materno	%	Aleitamento Mat. Exclusivo	%
2 Dias	732	700	96	638	87
7 Dias	717	672	94	605	84
1 Mês	616	507	82	424	69
2 Meses	521	381	73	284	55
3 Meses	395	234	59	171	43
4 Meses	336	165	49	116	35
5 Meses	245	106	42	74	29
6 Meses	209	76	36	53	25

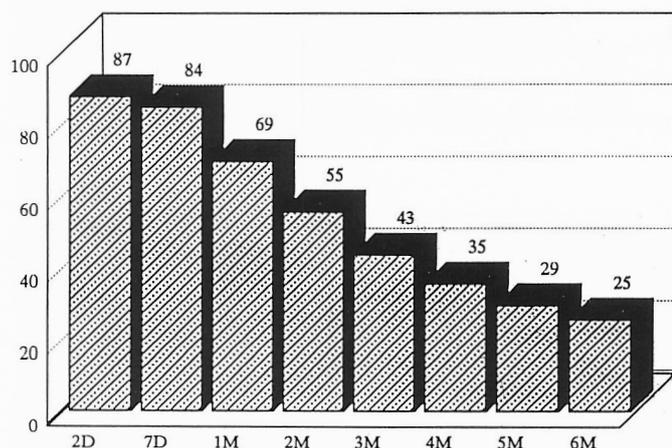


FIGURA 1 — Taxa de aleitamento exclusivo.

Nos Quadros XI e XII comparam-se os valores do aleitamento materno e aleitamento materno exclusivo, respectivamente, com os resultados obtidos em 1988, no distrito.

Em relação ao aleitamento materno há um aumento de 3% durante o primeiro mês, 6% no segundo mês e 6% ao sexto mês,

Em relação ao aleitamento materno exclusivo verificamos que estas diferenças são de 5% e 11% durante o primeiro e terceiro mês, respectivamente, e apenas 2% ao sexto mês.

QUADRO XI
Aleitamento materno (1988/1993)

IDADE	1988	1993
2 DIAS	96%	96%
7 DIAS	92%	94%
1 MÊS	79%	82%
2 MESES	65%	73%
3 MESES	53%	59%
4 MESES	39%	49%
5 MESES	36%	41%
6 MESES	30%	36%

QUADRO XII
Aleitamento materno exclusivo

IDADE	1988	1993
2 DIAS	—	87%
7 DIAS	—	84%
1 MÊS	64%	69%
2 MESES	48%	55%
3 MESES	32%	43%
4 MESES	28%	35%
5 MESES	28%	29%
6 MESES	23%	25%

O Quadro XIII e o Figura 2 mostram a prevalência do aleitamento materno misto e exclusivo (no momento do inquérito).

QUADRO XIII
Prevalência do aleitamento materno

Idade	Número	Aleitamento Materno	%	Aleitamento Mat. Exclusivo	%
≤ 7	15	13	87	12	80
≤ 30	122	105	86	88	72
≤ 60	225	174	77	140	62
≤ 90	343	244	71	190	55
≤ 120	409	268	66	210	51
≤ 150	486	360	62	236	49
≤ 180	531	320	60	249	47

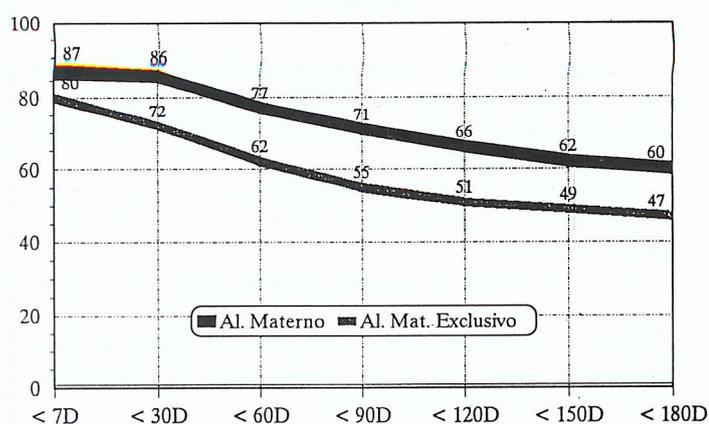


FIGURA 2 – Prevalência da amamentação – 1993

O Quadro XIV mostra as razões invocadas pelas mães para introduzirem um leite artificial. Para 31% das respostas, a razão era «leite fraco», sendo este o motivo mais invocado. O trabalho materno subiu de 5% para 10%, o conselho médico manteve-se cerca de 15% e «não tinha leite» diminuiu de 30,7% para 15%.

Algumas perguntas não constavam do inquérito de 1988. Também aqui se optou pela primeira resposta.

QUADRO XIV
Razões para introduzir outro leite

	1988	1993
LEITE ERA FRACO	29,7%	31%
NÃO TINHA LEITE	30,7%	19,3%
CONSELHO MÉDICO	15,5%	13,8%
TRABALHO DA MÃE	5,0%	10%
CRIANÇA NÃO AUMENTA	5,9%	7,1%
CRIANÇA NÃO MAMA	–	3,6%
DOENÇA DA MÃE/CRIANÇA	1,4%	4,1%
PROBLEMAS COM PEITO	2,1%	3,1%
LEITE INSUFICIENTE	–	2,6%
CRIANÇA TINHA FOME	–	2,1%
CRIANÇA CHORAVA MUITO	–	1,4%
OUTROS	9,7%	1,9%
TOTAL	100%	100%

O médico foi quem mais aconselhou a marca do leite (67,4%), mas em 11,6% ele foi indicado na farmácia, contra 1,4% em 1988 (Quadro XV).

QUADRO XV
Quem aconselhou a marca do leite

	1988	1993
MÉDICO	79,7%	67,4%
ENFERMEIRO	14,7%	8,5%
FARMÁCIA	1,4%	11,6%
MÃE	–	6,2%
FAMILIAR	3,9%	2,1%
AMIGO/VIZINHA	–	1,0%
OUTROS	0,3%	–
NÃO PERGUNTOU	–	3,0%
NÃO SABE	–	0,2%
TOTAL	100%	100%

Quanto à diversificação alimentar (Quadro XVI), verificamos que continua a diminuir a percentagem de crianças que a iniciaram antes dos 3 meses, sendo toda ela, globalmente, mais tardia. A papa continua a ser, na maior parte dos casos, o primeiro alimento a ser introduzido.

Não houve introdução de carne/peixe antes dos 3 meses e diminuiu a sua introdução na alimentação no 3.º e 4.º mês. A carne foi introduzida, preferencialmente, no 5.º mês (25,2%), o peixe no 6.º mês (24,9%) e o ovo depois do 6.º mês (20%).

Diminuiu também a introdução da fruta no 3.º mês de idade

QUADRO XVI
Diversificação alimentar

		< 3 M.	3 M.	4 M.	5 M.	6 M.	> 6 M.
PAPA	1988	2,7	51,9	36,8	5,9	2,3	0,4
	1993	2,0	26	53	11	6	2
SOPA	1988	0,9	24,4	56,8	10,3	3,3	0,5
	1993	0,3	11,5	41,3	24,3	10,5	1,3
FRUTA	1988	1,8	24,1	37,5	13,4	6,3	1,3
	1993	0	7,2	39,7	20,3	12,8	3,3
CARNE	1988	0	9,4	22,3	28,1	11,2	4,5
	1993	0	0,3	10,8	25,2	22	9,5
PEIXE	1988	0	4,0	12,1	19,2	15,6	8,5
	1993	0	0,3	2	11,5	24,9	14,8
OVOS	1988	0	0,9	2,7	7,6	9,4	16,1
	1993	0	0	0	1,3	8,9	20

e aumentou no 5.º e 6.º mês.

Quanto ao leite de vaca em natureza, constatou-se uma diminuição da sua utilização durante o 1.º ano de vida em relação aos resultados de 1988, sendo esta mais notória durante o 1.º semestre (Quadro XVII).

QUADRO XVII
Leite em natureza — Utilização no 1.º ano de vida

IDADE EM MESES	1988	1993
< 3	0,5%	0
3	1,3%	0,7%
4	2,7%	1%
5	4,0%	2,3%
6	4,9%	4,3%
> 6	12,5%	11,4%

No que refere a suplementação vitamínica, 326 (72%) das crianças alimentadas com leite artificial faziam suplementação vitamínica, sendo 53% a percentagem no grupo do aleitamento materno (quadro XVIII).

QUADRO XVIII
Suplementação vitamínica

	N.º CRIANÇAS	VITAMINAS	%
AL. ARTIFICIAL	454	326	72
AL. MATERNO	278	147	53
TOTAL	732	473	65

283 crianças (37,8%) faziam suplementação com fluor. Verifica-se, no entanto, que 217 delas tinham menos de 90 dias de vida (Quadro XIX).

QUADRO XIX
Suplementação com fluor

IDADE EM DIAS	1988	1993
≤ 30	129	17,6
> 30 ≤ 60	57	7,8
> 60 ≤ 90	31	4,2
> 90 ≤ 120	25	3,4
> 120 ≤ 150	11	1,5
> 150 ≤ 180	16	2,2
> 180 ≤ 210	7	1,0
> 210 ≤ 365	7	1,0
TOTAL	283	38,7

Tanto a utilização de vitaminas, como a suplementação com fluor no 1.º ano de vida, não faziam parte do inquérito realizado em 1988.

Comentários

A taxa de aleitamento materno total melhorou nos últimos 5 anos, sendo significativo o seu aumento, nomeadamente do aleitamento materno exclusivo ao fim do 2.º e 5.º mês de vida ($p=0,02$ e $p=0,6$), respectivamente.

As diferenças tendem a ser menores a partir do terceiro mês de vida, tanto no aleitamento materno como no aleitamento materno exclusivo.

A taxa de aleitamento materno continua a ter a maior queda durante o 1.º mês de vida, sendo este ano de 18%, e 31% se avaliarmos o aleitamento materno exclusivo. Apesar de tudo, foram menos acentuadas que em 1988, quando esta diminuição foi de 21% e 36%, respectivamente.

Parece-nos não ser de mais realçar a importância do apoio dos profissionais às mães neste período de vida, sobretudo atendendo também a que 51,5% tinham o seu primeiro filho. Provavelmente será importante a criação de apoios alternativos às mães que amamentam (grupos de mães, clubes de leite, etc.), de fácil acessibilidade, já existentes em vários países ^(4, 5, 6, 7).

O aconselhamento continua a ser feito preferencialmente pelos profissionais, sendo durante a gravidez o médico, o elemento mais referenciado, 50,3% dos casos. Quem conhece os nossos Centros de Saúde sabe bem, no entanto, quanto deste trabalho é um trabalho de equipa, do qual as enfermeiras são elemento valioso. Os casos que não referem aconselhamento à amamentação, nem na gravidez, nem no parto diminuiu significativamente de 19% para 13% ($p=0,007$). Foi pequena a percentagem de mães que atribui esta informação à família, 7,8% na gravidez e 0,8% durante o parto. Já se verificava o mesmo em 1988, podendo ser que no futuro as mães actuais voltem a ser boas fontes de informação.

Os factores relacionados com a criança foram os que mais motivaram as mães para amamentar.

Diminuiu o número de crianças que saem da maternidade a fazer leite artificial. Embora se mantenha em 4% o número dos continuam a referir não ter feito peito, a percentagem dos que iniciaram com aleitamento misto diminuiu para 8% (17% em 1988). Assim, 12% deram leite artificial nas maternidades (4% nunca deram peito + 8% misto desde o início) contra 21% em 1988. Sendo esta diferença fortemente significativa ($p=0,0005$), deverá traduzir uma maior motivação das mães, dos profissionais, com consequente melhoria da prática hospitalar ^(1, 8).

Segundo a Academia Americana de Pediatria, em 1990, tal aconteceu a 56% dos recém-nascidos nos E.U.A. ⁽⁹⁾.

Um terço das mães introduz leite artificial porque pensa que o seu *leite é fraco*, e em 19,3% dos casos porque *não tinha leite*. O trabalho materno é referido como razão em apenas 10% dos casos, sendo esta percentagem ainda menor em 1988 (5%).

A diversificação alimentar parece ser tendencialmente mais tardia, continuando a ser a papa o alimento com que mais frequentemente ela se inicia (53%). É ao quarto mês que ela é mais frequentemente iniciada e não, como anteriormente, ao terceiro mês. Diminuiu a utilização do leite de vaca em natureza, sobretudo nos primeiros seis meses de vida. Embora continue a ser um *factor não desprezível na alimentação de alguns lactentes* ⁽¹⁰⁾, *provavelmente este problema será mais importante em áreas* ⁽¹¹⁾

circunscritas e em alguns grupos populacionais do distrito.

Continua a ser o médico quem aconselha mais frequentemente a marca do leite. No antano, em 11,6% dos casos foi, em 1993, indicada na farmácia, contra 1,4% em 1988.

A utilização de vitaminas no 1.º ano, parece continuar a seguir critérios variáveis e discutíveis, sendo paradoxalmente mais frequente nas crianças a fazerem fórmulas para lactentes.

Parece-nos importante divulgar a necessidade de suplementação com fluor e implementar medidas que ajudem a aumentar a sua utilização desde idades precoces, já que a percentagem de criança que o fazem, nos parece muito baixa.

Agradecimento

Às Direcções dos Centros de Saúde do Distrito, onde se realizou o estudo.

À Dra. Ana Cristina Guerreiro, Assistente de Saúde Pública, que realizou a análise estatística dos resultados.

Às Enfermeiras de Saúde Infantil, elementos importantes na realização deste inquérito e também na promoção e divulgação do Aleitamento Materno.

BIBLIOGRAFIA

1. V.H.O. — Maternal and Child Health, «Methodology for Determination of Breastfeeding Patterns» Geneva 1981.
2. L'Assemblée Mondiale de La Santé (Resolution), «Protection, Encouragement et Soutien de L'Allaitement au Sein», Maio 1990.
3. Afonso de Carvalho, M. C.; Cordeiro, M. J. «Aleitamento Materno, estudo da prevalência em Seis Distritos do Continente» Estudo 1, D.G.C.S.P., Março 1990.
4. La Leche League Int., «Publication n.º 3», Abril 1992.
5. D.G.S. — Grupo de Trabalho, «Problemática do Aleitamento Materno em Portugal», *Rev Port Pediatr* 1982; 13 — n.º 1 (Separata), 1982.
6. W.H.O. — Office for Europe (Reports from the Ministries of Health), «Infant and Young Child Nutrition in Europe», 1985.
7. W.H.O. (Report on a WHO Meeting), «Breastfeeding Mothers Support Groups in Europe» — Bonn — 1984.
8. Ginsburg, B.; Spogreen, C.; Righard, L. «Workshop Breast Feeding Promotion», Wageningen — The Netherlands, Fev. 1987.
9. Committee on Nutrition — *Am Acad of Ped*, «Formula Feeding of Term Infants», in Lewis ed. *Pediatric Nutrition Handbook*, 3 ed. Illinois 1993.
10. American Academy of Pediatrics — Committee on Nutrition — «The Use of Whole Cow's Milk in Infancy», *Pediatrics* 1992, 89: 6.
11. Torrado da Silva, A.; col. «Alimentação do Lactente no Distrito de Coimbra» — Hosp. Ped. Coimbra — Centro de Cálculo da Universidade de Coimbra (ñ publ.).

Correspondência: Dr. Carlos A. Sousa
Centro Saúde Costa da Caparica
Av. 1.º de Maio — Costa da Caparica
2825 Monte Caparica